

Demanda por embalagens surpreende as indústrias

Segmento de papelão ondulado é indicador da atividade industrial e registra alta inesperada

ISABEL DIAS DE AGUIAR

A produção industrial cresce em ritmo acelerado e já provoca descompasso entre oferta e procura no mercado de embalagens. A indústria de papelão ondulado trabalha no limite de sua capacidade e não há mais aparas de papel para atender à procura do setor, informa o vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Roberto Nicolau Jeha. A falta dessa matéria-prima mostra que o mercado de bens de consumo se fortalece. O desempenho do setor de papelão ondulado é considerado importante indicador da atividade econômica.

Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Papelão Ondulado (ABPO), a produção de embalagens cresceu 11,3% em março, se comparada a de igual período do ano passado. Dados relati-

vos ao primeiro trimestre demonstram que a recuperação não ficou limitada a março. As atividades mantiveram-se aceleradas desde o início do ano. A produção industrial entre janeiro e março foi 6,2% maior do que nos primeiros três meses de 1997.

“Tudo indica que as vendas no mercado interno deverão intensificar-se em maio”, afirma Jeha. “Temos, para reforçar as expectativas, o Dia das Mães, a proximidade da Copa do Mundo e o fato de 1998 ser ano eleitoral.”

A nova onda de otimismo surpreende até os empresários. Os indicadores de conjuntura apurados pela Fiesp relativos a março mostram crescimento de 4% nas atividades industriais, se comparados a fevereiro, e de 5,1% ante o mesmo período de 1997.

Para alguns dirigentes, a recuperação das vendas e da produção deve-

ria limitar-se ao primeiro trimestre. Mas, após um rápido período de acomodação, em abril, o mercado voltou a ficar aquecido. A tendência, acreditavam, era de estabilização, como reflexo dos juros e da inadimplência elevada.

A perspectiva de um arrefecimento do mercado interno levou muitas empresas a voltar as atenções para o mercado externo, afirma o diretor do Departamento de Comércio Exterior da Fiesp, Giulio Lattes. O crescimento das exportações, de 11,9% no primeiro trimestre, é em parte resultado da perspectiva de desaquecimento do mercado interno.

Para Lattes, as vendas externas poderão dar novos saltos até o fim do ano. Os resultados das exportações de produtos agrícolas só deverão aparecer em abril, somando-se às vendas externas de manufaturados.

Para reforçar essas expectativas há também o esforço do governo de estimular o comércio exterior, observa Lattes. A eventual contribuição dos agentes intermediários do mercado externo — transportes rodoviários, ferroviários e portos — poderá melhorar a eficiência dos exportadores, pela redução dos custos das operações de embarque. Lattes acha que a crise nos países asiáticos também contribuiu para essa aceleração das exportações.

MERCADO
ESQUENTA COM
COPA E
ELEIÇÕES